



SOCIOFUNCIONALISMO: CONVERGÊNCIA TEÓRICA NO ESTUDO DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

André Fabiano Bertozzo

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos -PPGEL da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS - bolsista DS/CAPES
andrefabiano@estudante.uffs.edu.br

Cláudia Andrea Rost Snichelotto

Orientadora e docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos - PPGEL da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS
claudiarost@uffs.edu.br

1. Introdução

O Sociofuncionalismo é uma proposta teórico-metodológica que reúne, de um lado, os pressupostos da Sociolinguística Variacionista — formulada por Weinreich, Herzog e Labov (1968) e Labov (1972) — e, de outro, os aportes do Funcionalismo norte-americano, especialmente nas abordagens baseadas no uso (Bybee, 2016). A primeira comprehende a língua como objeto de estudo em seu contexto social, concentrando-se na comunidade de fala e nas variáveis que influenciam a variação linguística. O segundo concebe a língua como um sistema baseado no uso, em que a gramática é construída, moldada e continuamente reconfigurada pela experiência comunicativa dos falantes, por suas práticas sociais e pelos padrões recorrentes de interação. Ambas convergem na premissa de que a estrutura linguística só pode ser plenamente explicada a partir do uso efetivo que os falantes fazem da língua em contextos sociais: a Sociolinguística destaca como fatores sociais condicionam a variação, e o Funcionalismo mostra que essa variação, reiterada na interação cotidiana, molda e reconfigura a gramática. Além disso, valorizam o tratamento de dados empíricos, especialmente da frequência de uso, como indicativo de processos de variação e mudança (Görski, 2006).

Os estudos sociofuncionalistas iniciaram no Brasil na década de 1980, a partir de pesquisas orientadas por Anthony Naro e realizadas pelos membros do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua - PEUL. Cezario et al. (2016, p. 45) indicam que:

Tais pesquisas conciliavam a Sociolinguística variacionista com a linha funcionalista norte-americana, que tinha como principais referentes, naquele momento, Talmy Givón, Sandra Thompson, Wallace Chafe e Paul Hopper. Os pesquisadores buscavam observar não só os fatores estruturais e sociais, mas



também fatores de cunho funcionalista, como informatividade, planos discursivos, iconicidade e marcação, a fim de explicar a variação ou a mudança linguística. Utilizavam para isso a metodologia variacionista no modo de coleta e análise de dados lançando mão de recursos estatísticos.

Estudos com essa orientação, que buscam compatibilizar os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística e do Funcionalismo — originando uma terceira abordagem: o Sociofuncionalismo —, vêm se multiplicando em diversos centros de pesquisa, ampliando o diálogo entre variação e funcionalismo (Görski e Tavares, 2013).

Neste breve apanhado, buscamos apresentar os ganhos e vantagens da associação entre as teorias sociolinguísticas e funcionalistas como ferramentas importantes para os estudos de variação e mudanças linguísticas.

Além da variabilidade linguística ser um ponto de convergência entre as duas teorias, também a língua é concebida como um fenômeno contínuo, emergente, dinâmico e adaptativo, resultando da frequência de uso e de condicionamentos sociais.

Segundo Görski e Martins (2021) a variação linguística é o principal ponto de convergência dessa interface teórica:

O principal ponto de convergência dessa interface é a variação linguística, que tem recebido basicamente dois tipos de tratamento analítico: (i) são considerados condicionadores de natureza funcional tanto para fenômenos variáveis de nível morfossintático como para fenômenos de nível textual/discursivo, no sentido de que a forma é a variável dependente e a função (entendida basicamente como significação semântico-pragmática contextualmente apreendida) é a variável independente (cf. NARO; VOTRE, 1992); (ii) o fenômeno variável é inicialmente delimitado dentro de um domínio funcional, cujas formas são resultantes de mudança(s) via gramaticalização, conforme o princípio da estratificação (HOPPER, 1991) – abordagem apontada por Naro e Braga (2000) e defendida com argumentos robustos no campo da sociolinguística por Poplack (2011) e Torres Cacoullos (2011), entre outros –, sendo a variação explicada por condicionadores funcionais que contemplam também, em alguma medida, as trajetórias de mudança dos itens envolvidos. Nessa segunda perspectiva, a multifuncionalidade dos itens também é considerada, pois o recorte da variável se dá em um domínio funcional, ou seja, no campo da coexistência de duas ou mais formas para uma função/significação.(p.184).

Como vemos, ambas as teorias tomam a variação e a mudança como ponto de análise a fim de compreender os padrões que favorecem ou não a mudança linguística.

2. Dos procedimentos metodológicos

Para Görski e Tavares (2013), é um modelo teórico-metodológico voltado à análise funcional das formas com o mapeamento de suas ocorrências em contextos reais de fala.



As autoras defendem que a interface sociofuncionalista demanda metodologias integradas que considerem simultaneamente aspectos morfossintáticos, discursivos e sociais.

Para ambas as teorias, o que deve ser alvo das investigações é a língua em uso, em detrimento de qualquer idealização de como a língua deveria ou poderia ser usada (cf. HOPPER, 1987; LABOV, 2008 [1972]; POPLACK, 2011). Assim, o objeto de estudo tanto de pesquisadores sociolinguistas quanto de pesquisadores funcionalistas é a língua utilizada em situações reais, de fala e de escrita, em que indivíduos reais interagem (cf. BYBEE; HOPPER, 2001; LABOV, 2008 [1972]).(Górski; Tavares, 2013 p. 88).

Ainda, apresentamos alguns pontos comuns entre as duas perspectivas teóricas:

- As constantes alterações linguísticas pelo fato da língua ser dinâmica, não estática (Givón, 1995; Hopper, 1991)
- O fenômeno da mudança é visto como um processo contínuo e gradual (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968] e Givón, 1995; Hopper; Traugott, 1993);
- A frequência é outro ponto que converge, para o funcionalismo para a estabilidade e a manutenção da gramática, é necessário haver uma frequência das ocorrências, e ainda a difusão linguística e social pode aumentar através do aumento da frequência de uso em diferentes contextos (Bybee, 2016). Para a perspectiva variacionista o aumento da frequência é visto com índice de difusão sociolinguística (Labov, 2008 [1972]), e devem ser recorrentes para que possam ser comparadas estatisticamente.
- Labov (2008[1972]) vê a variação estilística como recurso de adaptação da linguagem ao contexto do ato de fala. Da mesma forma o funcionalismo, “a mudança é motivada por práticas discursivas e sociais” (Traugott (2013), e ainda acredita que o processo de gramaticalização contribui para os estudos sociolinguísticos da variação intrafalantes;
- A gramaticalização colabora para explicações de mudança morfossintática, abordado tanto em estudos funcionalistas, bem como por variacionistas.

Há inúmeras contribuições a respeito da convergência sociofuncionalista, dentre elas, Górska; Tavares (2013), Tavares (2013) e Cezario; Marques; Abraçado (2016), Górska; Martins (2021), apresentando pontos que se relacionam e são defendidos tanto pelo funcionalismo quanto pela sociolinguística variacionista. Vale destacar o que Górska.; Martins (2021) apresentam:

Quanto à interface entre Sociolinguística e Funcionalismo, em termos de aplicação envolvendo reflexão e análise linguística, o Sociofuncionalismo: (i) oferece ferramentas para a exploração do jogo de relações entre formas e funções/significações: multifuncionalidade (uma forma e mais de uma função) e variação (mais de uma forma e uma função); (ii) permite estabelecer correlações entre formas variantes e contextos discursivos de realização; (iii) fornece



explicações funcionais, considerando tanto a trajetória linguística quanto o contexto sócio-histórico, para fenômenos em mudança via gramaticalização (ex.: pronominalização de você a a gente; uso de aí e então como conectores; uso de olha, vê, sabe e entende como marcadores discursivos) e em variação (ex.: tu/você, nós/a gente; aí/então; olha/vê; sabe/entende). Enfim, oferece condições para se lidar com a ideia de que os usos linguísticos desempenham papéis multifacetados; que a gramática abarca, ao lado de formas linguísticas regularizadas pela recorrência de uso, também formas emergentes e em processo de mudança rumo à regularização, as quais são sensíveis a pressões externas e internas da língua; que o ensino gramatical deve ser contextualizado (...) (p.187)

Metodologicamente, o Sociofuncionalismo analisa os dados em contextos reais de uso, por meio de grupos de fatores diversificados para identificar a relação com o uso de determinada variante. Para tal, são considerados aspectos linguísticos, discursivos, estilísticos e socioculturais e aspectos sociais (faixa etária, sexo, escolaridade, classe social) ou pragmático-discursivos (iconicidade, marcação, paralelismo).

3. Considerações finais

Em linhas gerais, o Sociofuncionalismo linguístico propõe uma gramática em constante construção, alicerçada na interface entre forma, função e contexto social. Ao integrar os aportes teóricos e metodológicos da Sociolinguística variacionista e do Funcionalismo linguístico, a abordagem oferece um modelo explicativo robusto para a compreensão da variação, da mudança e da gramaticalização como processos interdependentes e centrais para a constituição da gramática das línguas naturais.

Vale destacar ainda que a gramaticalização articula as duas teorias, uma vez que se trata de um fenômeno sociofuncional, pois reflete diretamente o uso reiterado em novas funções de formas linguísticas em contextos discursivos variados. O processo de gramaticalização, nesse sentido, não é meramente estrutural ou sintático, mas fortemente influenciado pela interação entre fatores cognitivos, pragmáticos e sociais.

Referências

BYBEE, Joan. **Uma perspectiva baseada no uso.** In: Língua, uso e cognição. Tradução, apresentação Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez Editora, 2016, p. 17-34.

BYBEE, Joan. **Mudança linguística.** Tradução, apresentação e notas de Marcos Bagno. São Paulo: Vozes, 2020.



CEZARIO, M. M.; MARQUES, P. M.; ABRAÇADO, J. **Sociofuncionalismo**. In: MOLLICA, M. C.: FERRAREZI JR, C. Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução. São Paulo: Contexto, 2016.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: J. Benjamins; 1995

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. **Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista**. Revista do GELNE, v. 15, n. 1/2, p. 79-101, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9411/6765> Acesso em 22 mar 2025.

GÖRSKI, Edair Maria; MARTINS, Marco Antonio Rocha. **Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e Funcionalismo linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa**. Revista da Anpoll, v. 52, n. esp, p. 173-197, 2021. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1591/1175> Acesso em 15 jun 2025.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

HOPPER, P. J. **On some principles of grammaticalization**. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Ed.). Approaches to Grammaticalization. Amsterdam: J. Benjamins, v. 1, p. 17-35, 1991.

HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LABOV, W. ([1972] 2008). **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno, Maria Marta P. Scherre, C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola, [1972]2008.

TAVARES, M. A. **Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística**. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura, v. 17, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1312/1162> Acesso em 13 jun 2025.

TRAUGOTT, Elizabeth Clos; TROUSDALE, Graeme. Construcionalização e mudanças construtivas. Imprensa da Universidade de Oxford, 2013.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução de M. Bagno. 2 ed. São Paulo: Parábola, 2006.

CASTANHEIRA, D. Sociofuncionalismo: caminhos na interface variação-discurso. Revista Falange Miúda (ReFaMi), ano 3, n. X, jan.-jun., 2018. Disponível em: <https://periodicos.upe.br/index.php/refami/article/view/506/407> Acesso em 16 jun 2025.